

DIÁLOGO FAMILIAR E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO

Bianca Valeska Marques da Silva ¹

RESUMO

Este artigo expõe abordagens que envolvem a situação da mulher no âmbito da sexualidade, cuja finalidade é discutir a contribuição do diálogo familiar, iniciado na adolescência, para a construção do empoderamento feminino, de modo que o julgamento de valor, o autoritarismo e a culpabilização não participem deste processo. Para tanto, realizou-se, além da pesquisa de revisão bibliográfica, uma pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, mediante a aplicação de questionário divulgado em meio eletrônico. Esta pesquisa alcançou diversas regiões do Brasil e teve a participação de 94 mulheres, as quais possuíam desde os 18 até acima dos 50 anos de idade. Por intermédio da coleta dos dados, constatou-se que raramente existe o diálogo sobre sexualidade no seio familiar direcionado às meninas adolescentes e que, quando existe, acontece de maneira superficial e insuficiente, em que fica restrito apenas às discussões biológicas. Neste sentido, através dos relatos das mulheres participantes do questionário, conclui-se que há uma predominância quanto à necessidade deste tipo de diálogo, de maneira que sejam abordadas concepções que ultrapassem a esfera biológica, o que torna possível a formação de uma sociedade onde as mulheres possam vincular as informações socializadas ao poder e, conseqüentemente, possam ser percebidas enquanto seres sociais que, além de possuírem sentimentos, também possuem desejos eróticos.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescência, Diálogo, Mulher, Empoderamento.

INTRODUÇÃO

O pensamento hegemônico misógino enxerga a mulher como um ser histórico passível de calar-se; ela foi ensinada por séculos a enxergar as suas aspirações como dignas de serem oprimidas. Nesta perspectiva, a mulher deve ser um ser sem voz, sem opinião e sem desejos; cabendo-lhe apenas a obediência do que deve ou não ser feito, como deve ser feito, por quem deve ser feito e quando deve ser feito. Como aponta Pinsky (2006, p. 11) na apresentação do livro *Minha História das Mulheres*, de Michelle Perrot, “no século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”. Por este ângulo, é fácil perceber que as ações e os comportamentos masculinos eram – e ainda são – vistos com extrema superioridade, de maneira a reforçar os estereótipos e a dominação patriarcal acima da vontade feminina. Estes estereótipos, quando reforçados, supõem atos de agressividade, virilidade e inteligência aos homens, e às mulheres presumem

¹Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, marquesbianca2017@gmail.com.

fraqueza, submissão e dependência, ao passo que devem ignorar profundamente as suas vontades e os seus desejos.

A existência de uma cultura misógina de culpabilização e opressão às mulheres é ainda mais visível no campo da sexualidade. Desde a infância a menina “é impedida de pensar na própria vida sexual; induzida aos bons modos, tem suas perguntas ignoradas ou respondidas incompletamente; sempre que pensa em sexo, associa-o a algo errado e proibido.” (GOZZO et al, 2000 apud MENEZES et al, 2011). No Brasil, este controle sexual fica mais evidente se levarmos em consideração a forte influência das perpetuações valorativas cristãs que, hegemonicamente, relacionam-se à defesa de um perfil de mulher que só pode ter relações sexuais depois do casamento; que, após o casamento, deve praticar o ato sexual apenas para reproduzir; que deve amar o seu marido fielmente e eternamente; e que deve amar estar grávida, haja vista que o/a filho/a é uma benção divina.

No âmbito familiar, é de extrema necessidade a prática de uma socialização e conscientização no que tange à sexualidade. A iniciativa pode partir dos entes mais próximos, através do diálogo, e direcioná-lo aos/às adolescentes, basta ver que a adolescência é um momento em que começam a constituir-se mais nitidamente as visões de mundo e a percepção do próprio corpo.

Tendo por base estes apontamentos introdutórios, o estudo em tela pretende discutir a importância e a contribuição do diálogo, nas relações familiares, para a construção de conhecimento e de consciência sexual nas meninas adolescentes. Esta construção de saber e de consciência associa-se à um processo de empoderamento², no sentido de que, a partir das informações adequadas, estas meninas podem conhecer os seus direitos e colocar as suas autonomias em prática, assim como as suas capacidades de assumir um maior controle sobre os seus próprios corpos.

Sendo assim, este trabalho, a partir da publicização de seus dados, colabora para a formação de uma sociedade que, por educação, compreende e respeita as mulheres enquanto indivíduos que também têm o direito de se dedicarem à sexualidade.

METODOLOGIA

Como já foi referido, o presente artigo objetiva abordar o essencial papel do diálogo familiar em relação à vida sexual e emocional de meninas adolescentes. Para a realização

² Momento em que o “saber é fortemente atrelado ao poder.” (FAGUNDES, 2014, p. 7).

desta abordagem, além da pesquisa de revisão bibliográfica, optou-se por uma coleta de dados mediante a elaboração e aplicação de um questionário disponibilizado e divulgado em meio eletrônico. O questionário teve abrangência nacional e o público alvo foram, especificamente, mulheres que possuíam idade superior a 18 (dezoito) anos de idade. Tendo em vista que um dos focos desta pesquisa é analisar a fase da adolescência³, decidiu-se que o questionário seria respondido por mulheres que já passaram por esta fase, objetivando um compartilhamento mais amplo de experiências pessoais vividas na adolescência e, também, de opiniões em relação aos benefícios ou malefícios destas experiências, demarcando o que elas desejariam que fosse – ou não – modificado na época.

O questionário foi composto por oito questões, divididas entre perguntas objetivas de múltipla escolha e perguntas discursivas, conferindo, assim, uma pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa.

O questionário teve ampla divulgação *online*, através de redes sociais tais como o *Facebook*, o *Messenger*, o *Whatsapp*, o *Instagram* e o *E-mail*. As perguntas ficaram disponíveis em meio eletrônico entre os dias 24 e 29 de maio de 2019, totalizando 94 respostas.

Em seguida serão apresentados os dados coletados a partir da exibição de gráficos, resultantes das questões objetivas, e algumas respostas sistematizadas, resultantes das questões discursivas. Neste sentido, em total concordância com o sigilo absoluto – para que não haja identificação das participantes – os nomes não serão divulgados.

DESENVOLVIMENTO

A adolescência é um período de transição crucial na vida do ser humano; é o momento que possibilita a manifestação de múltiplas modificações, as quais percorrem um trajeto complexo, desde a maturação genital até a busca de uma nova identidade, tendo em vista que a identidade anterior (infantil) foi perdida. Neste sentido, como aponta Savegnago (2014), duas principais funções fisiológicas, advindas da puberdade⁴, amadurecem neste período: nas meninas é a chegada da menstruação e nos meninos é o aparecimento das glândulas seminais, que produzem o líquido seminal.

³ Como consta no artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8.069 de 1990, a adolescência compreende a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

⁴ A puberdade marca o início da adolescência, pois “refere-se às manifestações físicas do amadurecimento sexual.” (SAVEGNAGO, 2014, p. 23).

Este processo de transição da vida infantil para a vida adulta pode ser bastante confusa e dolorosa para os/as adolescentes, pois “é marcado por muitas [descobertas], contradições, ambivalências, e por atritos com a família e o meio social.” (SEVEGNAGO, 2014, p. 24). Por este ângulo, é de suma importância a presença e participação das figuras paternas e/ou maternas, em especial no que diz respeito ao acolhimento do/a adolescente em momentos de desespero decorrentes de uma possível crise existencial ou sensação de não pertencimento à determinado grupo social; além, é claro, do esforço pela busca de respostas àqueles inevitáveis questionamentos curiosos acerca da sexualidade. Ademais, é necessário considerar que a família não está isenta do sofrimento que este período vital pode provocar, haja vista que os “dois lados da moeda” estão transcorrendo transformações psicológicas e passam a indagar sobre a própria existência. No caso dos pais e das mães, dependendo de como se deu o período de descobertas e curiosidades, haverá uma extrema dificuldade para repassar conselhos e respostas adequadas às dúvidas dos seus filhos/as. Nesta mesma linha de raciocínio, Sevegnago (2014) contribui na argumentação quando afirma que “os pais podem angustiar-se neste período principalmente em decorrência das evocações conscientes e inconscientes de suas fantasias e de comportamentos presentes em sua própria adolescência.” (p. 27).

Ao longo deste trabalho o termo “sexualidade” foi bastante utilizado, porém é preciso retomá-lo brevemente para destrinchar sua definição. Existem inúmeros estudos que abordam a sexualidade, mas poucos informam o que, de fato, significa este conceito, pois, no senso comum, ele é resumido à relação sexual e genitalidade. Acerca disso, a colocação realizada por Louro (2007) é bastante pertinente quando afirma que

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. De fato, juntamente com Carole Vance (1984), estou sugerindo que o órgão mais importante nos humanos é aquele que está entre as orelhas. A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico. (p. 38).

Neste sentido, se partirmos da citação apresentada acima ou de uma análise psicanalítica Freudiana⁵, percebemos que vários outros fenômenos estão envolvidos no campo da sexualidade, como as relações sociais e psíquicas dos indivíduos (BEARZOTI, 1993). Sendo assim, é certo dizer que as reflexões e abstrações referentes ao corpo, ao prazer e à afetividade, e os fatores socioculturais também fazem parte da sexualidade. Isto é, este fenômeno (a sexualidade) abarca diversas características subjetivas – pessoais –, físicas e

⁵ Freud prefere falar *psicossexualidade*, pois vai além da reprodução. (BEARZOTI, 1993).

mentais do *ser social*⁶, não se limitando aos órgãos sexuais ou ao ato sexual propriamente dito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 94 mulheres que participaram do questionário divulgado em meio eletrônico, houve a predominância da faixa etária entre 18 e 22 anos, o que correspondeu a um total de 62,8%, porém diversas outras idades foram registradas, chegando a atingir, inclusive, mulheres com idade superior a 50 anos.

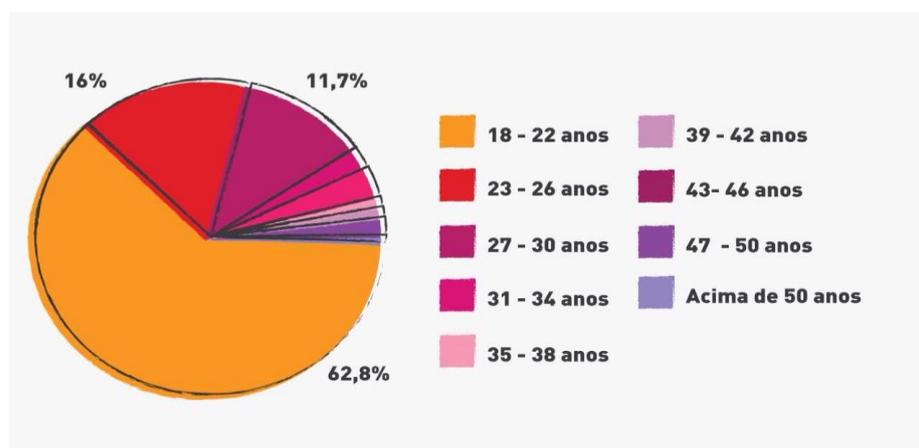


Fig.1

Quanto a regionalidade, as mulheres nordestinas apresentaram a maior quantidade de respostas ao questionário, com 37,2%. A pesquisa tem o seu segundo maior alcance nas mulheres do Sudeste, apresentando 34,8%, entretanto o estudo também foi contemplado pelas regiões Sul, Centro Oeste e Norte, com menores porcentagens.

⁶ Baseando-se em Marx, “O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não pareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, uma externalização e confirmação da *vida social*”. (MARX, 2004, p.107).

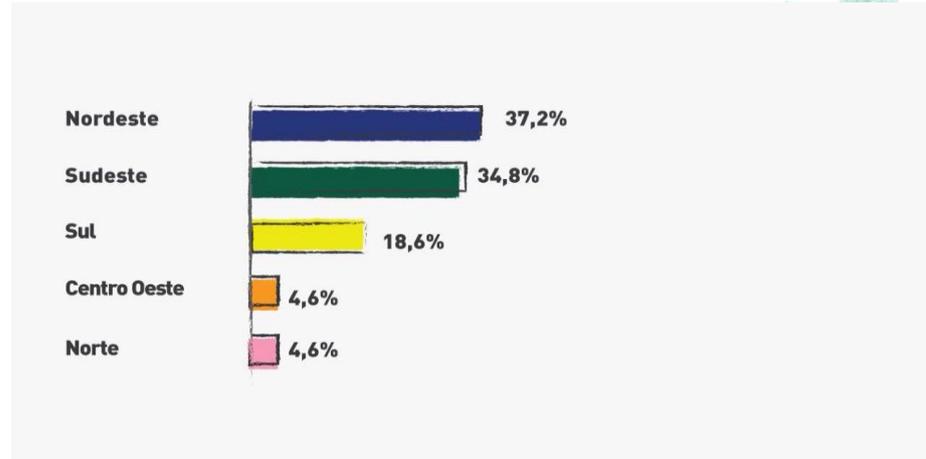


Fig.2

Por conseguinte, na pesquisa foi questionado se, na fase da adolescência, estas mulheres tinham uma abertura para dialogar sobre sexualidade com as suas figuras maternas e/ou paternas⁷. Mais da metade alegou que não tiveram, sendo possível visualizar o resultado no gráfico abaixo:

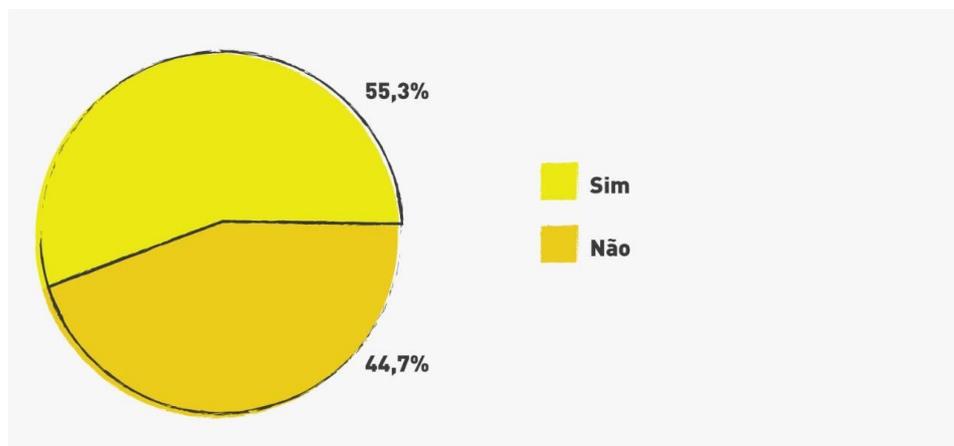


Fig.3

Além disso, para as mulheres que responderam “sim” à esta pergunta, foi indagado quais assuntos foram dialogados com as suas figuras maternas e/ou paternas. Diante das respostas, constatou-se que 95,6% dialogaram sobre mudanças corporais, em que a menstruação, o aumento dos seios e o aumento da libido foram apresentados no questionário

⁷ Utilizei este termo pelo fato de não querer restringir a responsabilidade apenas para os pais e para as mães das adolescentes. Os avós, por exemplo, têm extrema importância neste momento, mesmo sabendo que o diálogo tende a ser mais difícil por se tratar de épocas diferentes e longínquas. Fora isso, empreguei o termo para não limitar aos arranjos familiares que estão dentro dos padrões de heteronormatividade.

como exemplos desta temática; 57,8% já dialogaram sobre vida emocional (sentimentos) e sobre promoção da saúde sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) – como exemplos do diálogo sobre saúde foram apresentados o uso de preservativos, o uso de contraceptivos e a higienização íntima adequada. O diálogo sobre iniciação sexual aparece em uma porcentagem bastante inferior (31,1%), em que a perda da virgindade, a masturbação e o orgasmo foram expostos como exemplos, no momento da indagação. Outros assuntos dialogados aparecem com 2,2%; nesta opção, as mulheres ficaram livres para acrescentar algum assunto que já foi dialogado, mas que não constou no questionário. Foram acrescentados os diálogos sobre orientação sexual e violência sexual.

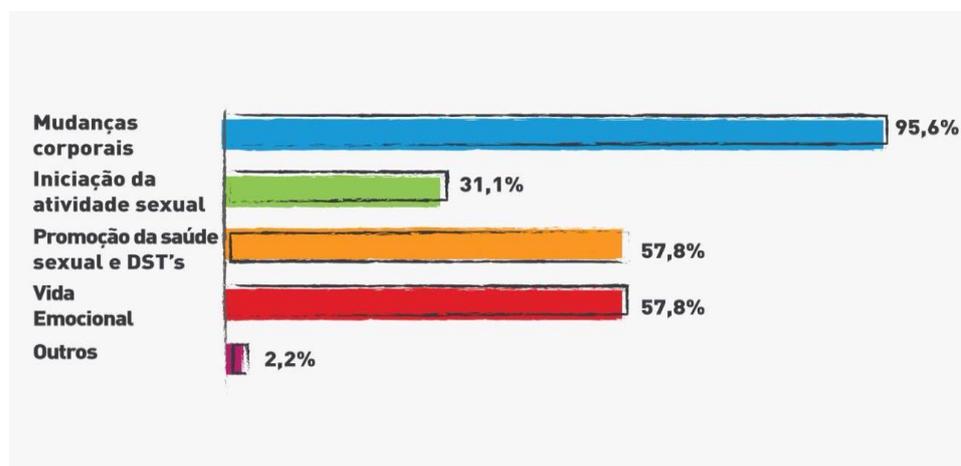


Fig.4

Para mais, ainda focando a pergunta para as mulheres que afirmaram ter tido abertura quanto ao diálogo sobre sexualidade com a família, questionou-se se esta abertura, na visão delas, foi algo positivo ou negativo, e por qual motivo. Acerca disso, 92,7% destacaram ter sido positivo, 2,5% declararam como indiferente, 2,5% consideraram tanto positivo quanto negativo e 2,5% apenas como negativo, o que confirma a predominância da positividade do diálogo.

Neste sentido, como nos apontou a mulher 4, este tipo de abertura prepara a jovem para os desafios futuros referentes à sexualidade: “Foi positivo, mesmo essa abertura sendo bem pouca, me preparou para enfrentamentos futuros com relação ao desenvolvimento do meu corpo, assédios e inseguranças”. Opiniões semelhantes a esta são compartilhadas por outras participantes, como pode ser observada na resposta da mulher 7: “Foi positivo, pois conversar sobre as mudanças do corpo feminino nos prepara para o que está por vir e ainda ensina que não podemos deixar qualquer um ver ou mexer nas nossas partes, visto que temos um grande número de meninas que já foram violadas”.

Ainda assim, esta abertura nos diálogos é, muitas vezes, limitada, como indicou a mulher 18: “Foi positivo. Meus parentes com quem dialogava sobre (minha mãe) tinha muito mais experiência e cuidado em mim do que minhas colegas e amigas, portanto, seria ela quem teria melhores aconselhamentos para que eu cuidasse de minha saúde sexual e emocional. Mas gostaria que esse diálogo fosse mais aberto, ainda assim, não dialogávamos sobre minhas experiências sexuais abertamente, embora eu procurasse informação com ela sobre as curiosidades e descobertas que eu tinha nesse campo, mas eu procurava fazer como se fossem curiosidades alheias a minha vivência”.

Como citado anteriormente, apenas uma pequena parcela das mulheres considerou esta prática entre as adolescentes e os seus/suas responsáveis como algo negativo. A mulher 40 assim a considerou, quando expôs que “poderia ter sido acolhida e ter feito escolhas melhores na vida”; porém, até mesmo neste caso, percebe-se que o fator negativo não está, literalmente, na existência do diálogo, mas na forma como ele se coloca, em que mesmo existindo não há acolhimento e nem preparo em relação ao enfrentamento de futuras decisões.

Ademais, às mulheres que declararam não ter tido nenhum tipo de abertura no tocante ao diálogo sobre sexualidade com as figuras familiares, foi questionado se elas gostariam de ter tido esta abertura, e por qual motivo. A partir da coleta dos dados, constatou-se que 95,7% das mulheres teriam gostado de uma abertura nos diálogos familiares na adolescência, enquanto que 4,3% declararam que não gostariam e que não acharam necessário.

Nesta perspectiva, a mulher 12 trouxe diversos elementos em sua resposta, desde a orientação sexual até a influência familiar cristã e sentimentos de medo e culpa: “Eu gostaria. Sou LGBT e cresci numa casa de pessoas muito católicas, então senti muita falta de alguém com que eu pudesse falar sobre a culpa cristã que eu sentia por estar sentindo atração por meninas. Quando eu era novinha minha avó leu em um dos meus cadernos que eu tava gostando de uma menina da escola e depois de algumas indiretas nunca mais tocaram no assunto e até hoje não consegui me assumir completamente por medo. Sabem mas fingem que não sabem e ficamos arrodando o assunto quando falamos de algo que tem a ver com homossexualidade. Ainda é muito confuso pra mim se devia falar, como falar, se mudaria algo, etc. Até porquê ainda tenho dúvidas e dificuldades com a minha própria sexualidade e não sei como abordaria esse assunto com minha família”.

Aprofundando este pensamento, a mulher 44 declarou o seguinte: “Apesar de minha mãe sempre me mostrar o caminho e o acesso a informação, eu gostaria de ter dialogado mais abertamente com ela sobre essas questões, acredito que se tivesse eu não tinha passado

metade dos perrengues que passei na adolescência. Hoje eu tenho uma filha e esse diálogo será não só aberto como escancarado entre nós. Acredito que esse acolhimento e informações vindo do seio familiar com entendimento e sem tabus é fundamental para formação e empoderamento das nossas futuras mulheres”.

Na contramão destas opiniões, a mulher 23 apontou não achar necessário, pois “apesar de não ter havido o diálogo, sempre tive acesso a leituras diversificadas, inclusive educação sexual”.

A mulher 43 afirmou que “não, pois iria ser desconfortável se acontecesse o diálogo”. É necessário refletirmos sobre esta resposta no sentido de que o desconforto, nestas situações, só acontece se o assunto não for tratado com naturalidade e transparência desde cedo. Caso os julgamentos de valor sobressaiam o companheirismo e o esforço de compreensão e apoio entre os/as responsáveis e as meninas adolescentes, realmente o desconforto e a timidez prevalecerão.

Com base nestes apontamentos e a fim de discutir estes aspectos, nota-se pelas respostas das mulheres participantes do questionário *online* que, muitas vezes, nos diálogos sobre sexualidade, acontecem apenas abordagens acerca de mudanças corporais, vida emocional e DST's, de modo a confirmar a existência de diversas privações no seio familiar, norteadas pelo controle sobre os corpos das meninas e pelo autoritarismo. Neste sentido, percebe-se que os parentes evitam conversar diretamente sobre sexo – perda de virgindade, masturbação e orgasmo –, seja por timidez ou pela perpetuação de pensamentos como: se tais assuntos forem abordados, haverá o incentivo e a influência quanto a estas práticas. Logo, como defende Louro (2007),

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigiância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. (p. 27).

Ainda sobre isso, Nery et al (2015, p. 290), de certa forma, complementa a defesa presente na citação exposta acima e afirma que “quando os jovens não obtêm respostas para suas questões no lar, eles costumam busca-las com terceiros, amigos da mesma faixa etária, parceiros ou mesmo na mídia, que são elementos que repassam informações incompletas ou imprecisas”. Em outras palavras: a sexualidade é disciplinada e censurada, destinando o diálogo aberto e livre ao âmbito privado, entretanto as adolescentes não deixam de ir atrás de respostas para as suas curiosidades apenas pelo fato de não terem sido abordadas em casa; ao

contrário, buscarão em fontes não tão confiáveis quanto a família, o que pode trazer consequências extremamente preocupantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pressupostos discutidos, conclui-se que existem dificuldades referentes ao diálogo familiar voltado para as meninas adolescentes acerca da sexualidade. Raramente acontece o diálogo, porém, quando acontece, não há a contemplação de toda a temática, a qual, muitas vezes, fica restrita apenas às orientações sobre DST's ou gravidez não planejada.

Para que o processo de empoderamento das mulheres – relacionado à sexualidade – seja efetivado, é necessário que as figuras maternas e/ou paternas se interessem em compreender as particularidades históricas das vivências de mulheres e da adolescência, e destas duas atreladas ao âmbito da sexualidade – extrapolando os debates biológicos. Após o entendimento destes fenômenos, é preciso que as famílias estejam dispostas a acolherem as dúvidas, curiosidades e desabafos das adolescentes, orientando-as de maneira natural e honesta, sem reprimi-las ou culpa-las. Neste sentido, através das instruções adequadas, em uma perspectiva de construção de empoderamento, as adolescentes poderão compreender corretamente, a partir de fontes confiáveis, os reais benefícios ou malefícios de elementos referentes à sexualidade, e poderão tomar decisões futuras de maneira consciente. Além disso, a percepção de possíveis desrespeitos, assédios ou violações contra os seus corpos serão mais rapidamente observadas e, conseqüentemente, mais rapidamente tomadas as providências cabíveis.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M. C.; ARAÚJO, J.; MENEZES, G. **Adolescência e reprodução no Brasil**: a heterogeneidade dos perfis sociais. Rio de Janeiro; Cadernos de Saúde Pública; 2003. Disponível em: <encurtador.com.br/dsxOY>. Acesso em: 03 jul. 2019.

BEARZOTI, P. **Sexualidade**: um conceito psicanalítico freudiano. Arq. Neuro-Psiquiatr., São Paulo, v. 52, n.1, p. 1-5, mar. 1994. Disponível em: <encurtador.com.br/kHOQ2>. Acesso em: 21 jul. 2019.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <encurtador.com.br/inLPS>. Acesso em: 02 jul. 2019.

FAGUNDES, T. C. P. C. **Sexualidade, gênero e poder** – educação numa perspectiva emancipatória. Salvador; Revista Espaço Acadêmico; 2014. Disponível em: <encurtador.com.br/jlEY9>. Acesso em: 11 jul. 2019.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**: 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, G. L. **Pensar a sexualidade na contemporaneidade**. Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba: SEED/PR, 2009. p. 29-35. Disponível em: <<http://bit.ly/2xM1SUy>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MARTINS, A. P. V. **Meninas podem dizer não?** Algumas considerações sobre as relações de gênero e a experiência sexual entre adolescente. Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba: SEED/PR, 2009. p. 91-98. Disponível em: <<http://bit.ly/2xM1SUy>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**: 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MENEZES, K. R. L.; MACHADO, A. G.; GALVÃO, A. L. V.; CORDEIRO, M. A. C. P.; SILVEIRA, M. T. **Sexualidade Feminina**: como séculos de cultura opressiva ainda influenciam o imaginário feminino. In: IX Mostra de Extensão e Cultura, 2011, Goiás. Anais... Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <encurtador.com.br/wPR39>. Acesso em: 11 jul. 2019.

NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. M.; SOUSA, A. F. L.; FERNANDES, A. C. N. **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes**. São Paulo; Acta Paulista de Enfermagem; 2015. Disponível em: <encurtador.com.br/hqsAF>. Acesso em: 03 jul. 2019.



PERROT, M. **Minha história das mulheres**: 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SAVEGNAGO, S. D. O. *Conversando sobre sexualidade com filhos adolescentes: o olhar de mães de grupos populares*. 2014. 208f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Disponível em: <encurtador.com.br/bqux4>. Acesso em: 11 jul. 2019.